

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
Ivone Panhoca	
1. O afásico e seu cuidador: discussões sobre um grupo de familiares	11
Ana Paula Santana	
Fábio Dias	
Maria Regina Franke Serratto	
2. Aportes da perspectiva sociocognitiva às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Unicamp)	39
Edwiges Maria Morato	
3. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita	58
Maria Letícia Cautela de Almeida Machado	
Ana Paula Berberian	
Giselle Massi	
4. O trabalho em grupo e a atuação fonoaudiológica com a linguagem escrita em escolas	80
Claudia Regina Mosca Giroto	
Sadao Omote	

5. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança	105
Ana Cristina Guarinello Cristina Broglia Feitosa de Lacerda	
6. Sujeitos autistas em terapêutica fonoaudiológica grupal	121
Ivone Panhoca Maria Fernanda Bagarollo	
7. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas	138
Sílvia Friedman Maria Consuelo Passos	
8. Grupo de avaliação e prevenção de alterações de linguagem	164
Adriana L. F. Laplane Cecília Guarnieri Batista Marilda B. Serrano Botega	
9. O trabalho em grupo na área de voz: considerações sobre a prática grupal educativa e terapêutica	188
Léslie Piccolotto Ferreira Susana Pimentel Pinto Giannini Daniela Cais Chieppe	
10. Grupo de apoio ao paciente submetido à cirurgia de cabeça e pescoço	203
Rosane Sampaio Santos Lauro Araki	
<i>Currículo dos autores</i>	212

Prefácio

O contexto grupal apresenta-se diante do fonoaudiólogo com peculiaridades e necessidades bastante distintas da terapia individual. Além disso, diante do grupo, ficam claras as concepções do profissional: o que é, para ele, linguagem; o que é, para ele, viver em grupo; o que é, para ele, o/um ser humano.

O que significa, para o profissional, despir-se do poder e se entregar aos movimentos grupais, sem perder de vista seus objetivos e sem deixar de ser o mediador dos processos que ali transcorrem? Qual sua capacidade de envolvimento e de se deixar envolver, sem se perder nem permitir que o grupo se perca?

Difícil encontrar, na literatura fonoaudiológica, material sobre atividades em grupo que não mencione – muitas vezes com destaque – o fato de elas terem tido, na origem, o objetivo de “atender à demanda”. Preocupa-me, acima de tudo, o fato de tais observações passarem a mensagem de que “atender à demanda” desmerece ou deprecia as atividades grupais.

Não vejo nenhum problema em se buscar atender à demanda. Mais que isso, penso que criar mecanismos de fazê-lo, em especial diante de população tão carente e desassistida como a de nosso país, é quase uma obrigação de todo profissional da saúde e da educação.

A questão, a meu ver, não é essa. A questão é o que fazemos quando nos defrontamos com “a demanda” e com a realidade que emerge ao nos propormos a desenvolver ações coletivas, ações grupais.

Muito mais que ser um conjunto de pessoas, o grupo terapêutico tem mecanismos de funcionamento próprios. O grupo é um organismo único. Tem vida (própria). O grupo expõe. O grupo revela. É difícil *enganar* o grupo.

Espaço de tensões e angústias que favorecem ressignificações e reconstruções, o grupo aciona, possibilita e favorece reflexões. Os movimentos grupais não são lineares; ao contrário, o grupo caracteriza-se pelo constante ir-e-vir.

Por essas e outras razões, a fonoaudiologia só tem a ganhar quando se volta para as questões da grupalidade com seriedade, respeito e profundidade – características, aliás, evidenciadas neste livro.

Ana Paula Santana, Fábio Dias e Maria Regina Franke Seratto mostram que as ações e intervenções propostas no exercício do grupo terapêutico-fonoaudiológico podem levar os atores a assumir seus próprios dizeres, expondo – por meio deles – suas angústias, necessidades e limitações. Ao fazer isso, os atores colocam em cena uma figura ainda relegada a segundo plano na fonoaudiologia (ao contrário do que ocorre em outras áreas da saúde), o *cuidador*, deixando claro que as relações do paciente afásico com seus familiares são, claramente, do âmbito da fonoaudiologia.

Edwiges Maria Morato nos mostra como o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) – referência nacional nos trabalhos com afasias/afásicos – “inscreve-se, pois, como alternativa às terapias ou grupoterapias tradicionais”. A autora mostra como os trabalhos que desenvolve salientam “aspectos que fazem das dinâmicas e situações interacionais um fator de intervenção social e terapêutica no contexto das afasias”. Na perspectiva grupal, ela destaca “que os movimentos lingüístico-discursivos realizados pelos sujeitos afásicos em suas práticas discursivas estão relacionados a ações reflexivas levadas a cabo interativa, colaborativa, intersubjetivamente”.

Maria Leticia Cautela de Almeida Machado, Ana Paula Berberian e Giselle Massi trazem importantes considerações sobre as possibilidades do grupo terapêutico voltado a sujeitos com comprometimentos da linguagem escrita – sujeitos, portanto, já “marcados”, em algum grau, por todos os conflitos, tensões e angústias geradas pela “incapacidade” de dominar a escrita. As autoras enfocam o grupo como potencialmente capaz de contribuir com a “a emergência de processos favoráveis ao desenvolvimento da linguagem e do sujeito”.

Claudia Regina Mosca Giroto e Sadao Omote, ao analisar trabalhos realizados em escolas com a linguagem escrita, ressaltam os conflitos gerados, entre os membros do grupo, pela contraposição de idéias e de práticas cotidianas e as contradições que aparecem nessa contraposição, destacando que o contexto grupal favorece o surgimento de condições para a análise das particularidades envolvidas na interação dos membros do grupo.

Ana Cristina Guarinello e Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, tendo como base experiências com grupos de familiares de surdos, mostram que o cenário do grupo terapêutico não é sempre tranquilo, pacífico e harmônico. Ao contrário; nesse cenário observam-se “raivas, discordâncias, crenças, cumplicidade com pares, mudanças de atitudes marcadas pela reflexão ao longo do tempo”, cabendo ao profissional estar preparado para nadar por esses mares intranquilos.

Ivone Panhoca e Maria Fernanda Bagarollo mostram que a inserção de sujeitos autistas em atividades grupais permite que se coloque em discussão um “dado” sobre sujeitos autistas: eles, realmente, não interagem? Não buscam estabelecer relações com o outro? As análises feitas pelas autoras mostram que, quando em situações grupais mediadas pela terapeuta, pela linguagem e pelos instrumentos, as crianças autistas estabelecem relações entre elas que favorecem o desenvolvimento lingüístico e geral.

Silvia Friedman e Maria Consuelo Passos analisam ações grupais desenvolvidas com um grupo de pessoas gagas com base em princípios conceituais da psicanálise de grupo. Deixando claro que o grupo “ressalta o papel do outro”, as autoras mostram como a grupalidade pode auxiliar no aparecimento concreto da capacidade de falar, fazendo que a pessoa assuma a gagueira nos contextos em que se sentiria impedida de fazê-lo.

Adriana L. F. Laplane, Cecília Guarnieri Batista e Marilda B. Serrano Botega, ao falar sobre intervenções grupais que visam à avaliação e prevenção de alterações de linguagem, destacam a importância das concepções de sujeito, de linguagem e de desenvolvimento humano que norteiam o trabalho do profissional. Também deixam

claro o quanto avaliar a linguagem (ou a cognição) implica muito mais do que simplesmente avaliar.

Léslie Piccolotto Ferreira, Susana Pimentel Pinto Giannini e Daniela Cais Chieppe trazem o que chamam de *vertentes educativas e vertentes terapêuticas* dos trabalhos com voz, mostrando que “o espaço que é inicialmente uma união de pessoas com interesses comuns transforma-se em grupo terapêutico ao acolher o sofrimento dos participantes e possibilitar o processo de transformação”.

Rosane Sampaio Santos e Lauro Araki nos mostram, com sensibilidade, o poder do grupo na emergência de questões que afloram de pessoas cujas imagem e voz passaram por mudanças – “Eu não perdi somente a voz... perdi a capacidade de expressar quem eu sou...”

Temos nesta obra, portanto, material para pensarmos e repensarmos não meramente as ações fonoaudiológicas grupais, mas para fazê-lo em relação à Fonoaudiologia, de acordo com o que o fazer fonoaudiológico grupal nos revela sobre o sujeito da clínica fonoaudiológica.

Ivone Panhoca

Fonoaudióloga e professora da Faculdade de Fonoaudiologia da *puc*-Campinas, doutora em Ciências pelo Instituto de Estudo de Linguagem da Unicamp e pós-doutora pela University of Houston, pela Washington University em St. Louis e pela Universidade de Salamanca.